

# Ciência, Tecnologia e Inovação: Experiências, Desafios e Perspectivas



**Samuel Miranda Mattos**  
**(Organizador)**

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# Ciência, Tecnologia e Inovação: Experiências, Desafios e Perspectivas



**Samuel Miranda Mattos  
(Organizador)**

**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto



Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	<p>Ciência, tecnologia e inovação experiências, desafios e perspectivas            1 [recurso eletrônico] / Organizador Samuel Miranda Mattos. –            Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia.            ISBN 978-65-5706-067-4            DOI 10.22533/at.ed.674202705</p> <p>1. Ciência – Brasil. 2. Inovação. 3. Tecnologia. I. Mattos, Samuel            Miranda.</p> <p style="text-align: right;">CDD 506</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Caros Leitores!

O Livro Ciência, Tecnologia e Inovação: Experiências, Desafios e Perspectivas, possibilita ampliação no conhecimento dos leitores, pois apresenta diversas áreas reunidas em dois volumes, sendo resultado de pesquisas desenvolvidas no âmbito nacional por diferentes Instituições de Ensino e colaborações de pesquisadores. Sua contribuição é substancial para o desenvolvimento da ciência e tecnologia do nosso país, configurando um avanço das nossas pesquisas.

O volume 1, tem o foco em pesquisas na área do ensino, educação, biológica e saúde divididos em 14 capítulos. Já o volume 2, apresenta resultados de pesquisa na área ambiental, tecnologia e informação em 13 capítulos respectivamente.

Os leitores poderão apreciar uma pluralidade de áreas nas ciências brasileira, percebendo os desafios e perspectivas que percorremos quando produzimos ciência. Desejo a todos uma ótima leitura e convidamos a embarcar nessa nova experiência.

Samuel Miranda Mattos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A HEREDITARIEDADE NOS TEMPOS DE FRITZ MÜLLER	
Joseane Mafesoni Caldas Kay Saalfeld	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6742027051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
APLICAÇÃO DE MODELAGEM ESTRUTURAL DE POLIMORFISMOS DE BASE ÚNICA EM GENES ALVO RELACIONADOS À RESPOSTA A RADIOTERAPIA EM PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA	
Satyaki Afonso Navinchandra Pollyana Rodrigues Pimenta Yuri de Abreu Mendonça Renata de Bastos Ascenço Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6742027052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>38</b>
ALÉM DA MEDICINA: ESTRATÉGIAS DE FÉ NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER	
Damaris Nunes de Lima Rocha Morais Arlene de Castro Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6742027053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>52</b>
LOGÍSTICA NO TRANSPLANTE RENAL NO HOSPITAL DAS CLINICAS DE BOTUCATU-SP	
Thamyres Gomes de Oliveira Paulo André de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6742027054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>61</b>
NUTRIGENÔMICA E NEUROCIÊNCIA NA OBESIDADE	
Mariana Landenberger dos Santos Luane da Guia Vieira Sônia Marli Zingaretti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6742027055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
UM CORPO QUE DÓI: REPRESENTAÇÕES BARROCAS E PERFORMANCES CONTEMPORÂNEAS: OLHARES SOBRE A ARTE, NAS FRONTEIRAS COM A CIÊNCIA	
Ana Lucia de Almeida Soutto Mayor	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6742027056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
BURNOUT: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE O ACOMETIMENTO EM ENFERMEIROS DA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE	
Thaynne Rezende Amaral Iel Marciano de Moraes Filho	



Thais Vilela de Sousa  
Osmar Pereira dos Santos  
Glaucia Oliveira Abreu Batista Meirelles  
Meillyne Alves Dos Reis  
Francidalma Soares Souza Carvalho Filha  
Sandra Suely Magalhães  
Mayara Cândida Pereira  
Jaiane de melo Vilanova  
Micaelle Costa Gondim  
Maria Liz Cunha de Oliveira  
Andrey Hudson Interaminense Mendes de Araújo  
Keila Cristina Félis

**DOI 10.22533/at.ed.6742027057**

**CAPÍTULO 8 ..... 95**

**AValiação DO POTENCIAL ANGIOGÊNICO DE CÉLULAS TUMORAIS DE EHRlich EM MEMBRANA CORIOALANTÓIDE (MCA) DE OVO EMBRIONADO DE GALINHA**

Laís Camargo de Oliveira  
Renata Rodrigues Caetano  
Lorena Félix Magalhães  
Elisângela de Paula Silveira Lacerda  
Paulo Roberto de Melo-Reis  
Cléver Gomes Cardoso  
Lee Chen Chen  
Cristiene Costa Carneiro

**DOI 10.22533/at.ed.6742027058**

**CAPÍTULO 9 ..... 106**

**EUTANÁSIA CANINA COMO MEDIDA PROFILÁTICA PARA O CONTROLE DA LEISHMANIOSE HUMANA: UMA ABORDAGEM BIOÉTICA**

Gilberto de Souza  
Guilherme Henrique Monteiro Alves de Lima  
Klauber Menezes Penaforte  
Saulo Nascimento de Melo  
Lívia Carolina Andrade Figueiredo  
Jaíne das Graças Oliveira Silva Resende  
Jane Daisy de Sousa Almada Resende  
Andréia Andrade dos Santos  
Regina Aparecida de Melo Bagnolli  
Rafael de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.6742027059**

**CAPÍTULO 10 ..... 124**

**COMO A TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO INFLUENCIA NO APRENDIZADO DA MATEMÁTICA**

Fabrcia Cristina Paes Pinheiro  
Tatiane Tavares de Oliveira  
Manuela Gomes Maués  
Renan Pinheiro Silva  
Feliphe Edward Maciel Santos  
Kelly Lima Bentes  
Roberto Miranda Cardoso  
Alessandro Monteiro Rocha

Pedro Paulo Lima Ferreira

Emerson Ferreira Pantoja

**DOI 10.22533/at.ed.67420270510**

**CAPÍTULO 11 ..... 135**

**ESTRATÉGIAS PARA UMA MELHOR FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR DE QUÍMICA**

Patrícia e Silva Alves

Ernane de Macedo Santos

Herbert Gonzaga Sousa

Felipe Pereira da Silva Santos

Juliana de Sousa Figuerêdo

Maciel Lima Barbosa

Ariane Maria da Silva Santos Nascimento

Gabriel e Silva Santos

Raimundo Oliveira Lima Júnior

Aline Aparecida Carvalho França

Beneilde Cabral Moraes

Valdiléia Teixeira Uchôa

**DOI 10.22533/at.ed.67420270511**

**CAPÍTULO 12 ..... 146**

**O CONCEITO DE JUSTIÇA PRESENTE NOS ALUNOS EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GOIÁS**

Jackelyne Goncalves Pezzini

Lila Maria Spadoni Lemes

**DOI 10.22533/at.ed.67420270512**

**CAPÍTULO 13 ..... 158**

**AUTOPOIESE–KALAHARI: A DIFERENÇA ESCRITA EM SI**

Deise Araújo de Deus

**DOI 10.22533/at.ed.67420270513**

**CAPÍTULO 14 ..... 172**

**A FOTOGRAFIA NAS INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SEU TRATAMENTO INFORMACIONAL**

Ana Cláudia de Araújo Santos

Lilian Vianna Cananéa

Mônica de Paiva Santos

**DOI 10.22533/at.ed.67420270514**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 192**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 193**

## AUTOPOIESE–KALAHARI: A DIFERENÇA ESCRITA EM SI

Data de aceite: 18/05/2020

### Deise Araújo de Deus

<http://lattes.cnpq.br/5115168496542926>

A poesia pode estar em toda parte, de uma dada maneira. O poema se faz não só com palavras, mas pode também integrar outros objetos artísticos como uma escultura, uma pintura ou uma peça musical. Enfim, poesia é tudo isso: linguagem, forma, expressividade, conteúdo muito bem selecionado, com estilo, e que transita por diversos meios, de preferência com a música e a pintura (intersemioses).

Porém, nosso propósito aqui não é analisar a poesia ou a poética contemporânea. Não porque não haja aspectos a serem abordados a esse respeito, mas sim porque acreditamos que nosso *corpus* se insere numa outra vertente, gerada pelo universo contemporâneo que é a autopoiese. O termo autopoiese foi criado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela e tem como idéia principal um sistema autossuficiente, que se auto recria. O dicionário Priberam apresenta dois significados para o termo: a) condição de um ser vivo ou de um sistema que se produz

continuamente a si próprio; b) sistema isolado, construído pelos componentes que ele próprio cria.

*Kalahari*, antes de tudo, é escrita autopoietica, pois apresenta-nos em seus fluxos vociferantes a presença constante de signos ligados ao universo da arte e estes impregnados em suas Lobas e vice-versa. Do início ao fim somos envolvidos por essa excitação nervosa, prenhe de rumações e cadafalsos que nos levam mais longe nas cartografias de uma poética vertiginosa e descentrada. Assim como num deserto, tudo parece composto de uma só matéria: terra-seca-calor-causticante, porém, quando menos se espera, é-se surpreendido por uma paisagem nova: verde, sombra e água fresca (os significantes plausíveis), até sermos arrastados novamente ao extremo árido, em meio ao deserto do impensado.

*Kalahari* tem sede de cobrir a vastidão que é essa mundanidade criadora, livre dos moldes greco-clássico e dos quadrantes lógico-matemático dos modernos. Luís Adriano Carlos<sup>1</sup>, em seu ensaio *A prosódia da prosa*, afirma que Serguilha contagia por sua “técnica futurista da destruição da sintaxe,

1 Luís Adriano Carlos: Professor de literatura e estética na Universidade do Porto. Crítico literário, ensaísta e poeta.

da imaginação sem fios e das palavras em liberdade”, conforme sugeria Marinetti. Também continua dizendo que em *Kalahari* flui uma “contradição filosófica que concilia a visão física dos pré-socráticos e a visão racionalista de Leibniz, cuja monadologia nos afasta do racionalismo clássico e nos introduz num universo incomum: o labirinto barroco, entendido como representação estética do mundo”.

Este é o mundo barroco \_\_\_o mundo como labirinto\_\_\_, cheio dobras que se desdobram até ao infinito e em que a mais pequena porção de matéria contém um mundo de criaturas[...] A um tempo pré-socrático e leibniziano, este mundo constitui, em última análise um mundo pneumático onde a respiração do poeta e o ritmo da linguagem introduzem uma oralidade interior mediante a qual a emoção escrita vibra e ressoa nas cadeias do discurso e do seu labirinto [...] (ADRIANO CARLOS, 2015, p.55).

Na visão de Adriano Carlos, existe uma proximidade entre a estética serguilhana e as duas filosofias por ele apontadas: aquela dos fluxos infinitos (heraclitiana) e a do labirinto barroco, onde o movimento dos contrários e o caminhar rupturizado, errante por concepção, traduziria o mundo de *Kalahari*. Pormenorizando, Heráclito propôs uma concepção de tempo e de mundo em constante devir. É célebre a frase que exemplifica seu pensamento: “Ninguém se banha no mesmo rio duas vezes”. Não é possível vivenciarmos as mesmas coisas, porque tudo se modifica: o tempo, as pessoas, as situações e as variáveis. No entanto tudo se move pela força dos contrários que estão sempre em oposição dual. Vemos também algo semelhante na filosofia barroca: uma visão de mundo inacabado; entre o claro e o escuro; duas forças em conflito. A metáfora sugerida por Adriano Carlos para labirinto barroco, como um caminhar que se revolteia, que é de certa forma impedido de se processar pelas vias da normalidade, linearmente, parece-nos confundir quando pensamos em *Kalahari*. Porém, não se tivermos em mente os obstáculos de leitura, que mencionamos anteriormente. Ainda que a leitura seja acelerada pela mínima estrutura, no entanto torna-se um caminhar de rupturas e de muitas voltas sem rumo certo.

É na sua multiplicidade de entradas que *Kalahari* pode ser dita como um labirinto. Nas suas dobras ao infinito, recuando e lançando para diante essa imensidão do devir-loba. Há sempre uma Loba percorrendo os mundos de *Kalahari*, transmutando-se em formas, linhas e perspectivas. A Loba de *Kalahari* anuncia o caminho da arte em todos os tempos, por todas as formas, meios e intermeios. A Loba diz ser a própria arte e não apenas um símbolo ou metáfora desta. Entre as múltiplas designações a seu respeito temos:

[...]. A Loba aproxima-se de todas as épocas: uma batida incomensurável, um fluxo do vazio-que-é-terra-que-é-fisiologia-heterogênea [...] A Loba é uma onda vibratória-intersemiótica. CASA-magnólia de Leonor de Aquitânia onde Moholy-Nagy ondula na beberagem dos cruzamentos faiscantes (SERGUILHA, 2013, p.113).



[...]. Ela é secreta ao pluralizar-se na devastação vocabular... (p.114).

[...] a Loba realiza-se na indecifrabildade... (p.115).

[...] a Loba oscila nas linguagens prematuras para se tornar numa contracurva de habitabilidades imperceptíveis [...]. Ela é o corpo noutro corpo em pluralidade activa e infinita: intensidades e reencenações que se aproximam e se afastam: um vórtice cromático a criar simultaneamente rupturas díssonas e harmónicas [...] A Loba como linguagem inaudível RESISTE. (p. 119).

Observa-se em quase todos os excertos que, para a Loba, não existe uma única forma de descrição. A sua síntese é sempre disjuntiva: indecifrável; indeterminada; imperceptível; inaudita; oscila; cria rupturas; é movimento. Como comprovamos nos trechos acima.

Em *Proust e os Signos*, Deleuze nos mostra que “os signos da arte nos forçam a pensar; eles mobilizam o pensamento puro como faculdade das essências. Eles desencadeiam no pensamento o que menos depende de sua boa vontade: o próprio ato de pensar” (DELEUZE, 2003, p.92). É nesse exercício que a autopoiese *Kalahari* nos instiga com força, em seu movimento desenfreado, cheio de intersecções-retorno que violentam o pensamento:

[...] Todas as possibilidades orgânicas-pictóricas-cinematográficas de Peter Greenaway, de OZU, de Zanussi arrastam-se para o sangue da Loba e o covil é já uma vizinhança de máscaras barrocas[...] A Loba é a própria vida, a travessia ambígua, indeterminável, condensada na improvisação. Ela é a violência do refluxo-em-deriva, a crepitação geológica indiscernível. Loba mediadora de si mesma, reflexo original, reflexo das vivências: luz e obscuridade em fusão[...]estranheza contagiante de si mesma. Ela é sua própria inexistência[...] (SERGUILHA, 2013, p.127)

A Loba pensa a si mesma; é o signo-arte realizando a reflexão sobre sua atividade criativa virulenta: a arte está no “sangue da Loba”, mas também está fora, na sua “vizinhança”. A Loba é “crepitação geológica indiscernível”, é a própria arte desertificando espaços, fundando mundos, trazendo o vazio das línguas esquecidas. A esse respeito Luisa Monteiro<sup>2</sup> diz:

(a loba é solitária, mas vai a caminho)

Kalahari é um requiem pelas línguas que morrem todos os anos; actualmente, mais de duas mil línguas no mundo correm o risco de extinção e este é um dano tão irreparável quanto o da perda das espécies. Trata-se de uma obra de cariz fortemente político ao lançar sobre cada língua morta pazadas de ideias, de palavras, de nomes de artistas, plantas, neologismos tecnológicos, tudo, de todas as épocas e lugares, de todas as maneiras, como o coveiro que cobre de terra indiscriminada um morto; são 31 as sepulturas (parecem capítulos, na medida em que graficamente estão separadas por páginas escuras e que o autor prefere designar essas re-inscrições de línguas mortas como “sombras emergentes”) e o mundo assemelha-se por isso a um deserto, a um kalahari, cuja palavra significa “o lugar da grande sede”.

(MONTEIRO.In: Revista Caliban, ago, 2016).

O caminho da Loba é solitário porque é marcado por esse vazio de morte e destruição das línguas extintas. Um descaminhar vagante que nos captura em sua bólide e nos faz cobrir vastidões em poucas páginas. Ela nos introduz em tradições e costumes antigos, como se fossem próprios de nosso tempo. Tenta nos provocar ao êxtase orgiástico pela velocidade e encantamento com que nos atravessa. Deleuze, ainda falando sobre o signo sensível, diz:

[...] o signo sensível nos violenta: mobiliza a memória, põe a alma em movimento; mas, a alma, por sua vez, impulsiona o pensamento, lhe transmite a pressão da sensibilidade, força-o a pensar a essência como a única coisa que deva ser pensada. (DELEUZE, 2003 p.94).

Para Deleuze, somente os signos da arte são essenciais, “é apenas no nível da arte que as essências são reveladas” (Idem, p.36). E ainda completa dizendo “a essência é em si mesma diferença, não tendo, entretanto, o poder de diversificar e diversificar-se sem a capacidade de se repetir, idêntica a si mesma” (Idem, p.46). Essencial ou essência para o filósofo, aqui, não tem relação com o *Logos* platônico, do qual tudo deriva como em filiação.

Dessa forma, o movimento na obra de arte e, mais especificamente em *Kalahari* surge desta vibração dos signos artísticos que povoam o universo de *Kalahari* e, onde tudo refrata em singularidade e repetição.

A Loba se desmaterializa e se refrata em inúmeros signos-arte: Loba-mímica-de-Ettiënne-Decroux; Camille-Loba; Loba de Ruben Dário; Loba-Piet Mondrian; Loba-no-Teto-Magdaleniano-Solutreano de Altamira[...]Todas elas compostas por uma mistura entre arte-filosofia e ciência, como a sugerir que se criem outras mais, que se multipliquem as lobas.

Além desses nomes que se combinam à performance Loba, existem aqueles que são mencionados apenas como se estivessem vinculados a ela. Estes nomes formam um breviário de mais de cento e cinquenta artistas que remonta desde a idade clássica até os dias de hoje. Entre estes temos: Homero (62), Caravaggio (62), Delacroix (40), El Greco (105), Kandinsky (118), Paul Klee (123), Mallarmée (139), Miró (149), Gogol (44) entre outros.

Esses signos-arte-Loba atravessam espaços temporais permeando a vida, instaurando o movimento da arte por diferentes formas, meios e linguagens. Por onde a Loba passa, deixa marcas, um rastro incandescente: “a Loba é bólide” (SERGUILHA, 2013, p.170). A escrita nervosa de *Kalahari* tem ritmo e velocidade; é animal no cio; menstruação ininterrupta. A Loba é magma vulcânico cujo material não cessa de jorrar em força e brutalidade; por vezes, produz erupções insandecidas que modificam tudo à sua volta; outras vezes parece silente à espera do momento

ebulitivo em que a temperatura e as pressões internas e externas promovam um novo ápice. A História e as biografias sugeridas pelo “índice onomástico” que segue em meio ao texto, confluem para testificar a ressurgência da Loba. Ela pode ser vista desde as narrativas épicas de Homero e Virgílio (137) até o Decameron de Boccaccio (139); dos escritos malditos de Baudelaire, Rimbaud e Lautreamont até os estertores de “Lavoura Arcaica” (279) ou no “vórtice da crueldade de Artaud e Decroux” (337). A Loba transita pela música de Mozart e Schubert, mas também ao ritmo do jazz, do hip hop, mosh e outras linhas como Maria Callas (142), Frank Zappa (131) e Stochausen (142). A Loba esteve com Bresson (235) e Jean Luc Godard (235); conheceu Ingmar Bergman (152) e Gus Van Sant (363). Entre pintores e poetas sua lista de citações é ainda maior: uma centena entre renascentistas, românticos, simbolistas, vanguardistas, surrealistas e outros contemporâneos. Consideramos *Kalahari* uma obra contemporânea e este trabalho como um audacioso exame (Artaud diria, espermograma) de sua performance criadora.

Como já dissemos o signo-arte-Loba que atravessa a maior parte da obra, sem mencionar o uivo e o covil como parte dessa simbiose animal, constitui a linha de fuga, o rizoma ou ritornelo pelos quais podemos atravessar esse deserto imenso que é o universo da arte. A Loba não é memória, nem monumento; é autopoietica, autocriativa porque é singularidade.

## 1 | DESTERRITORIZAÇÃO DA IMAGEM POÉTICA COMO ACONTECIMENTO

Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno de outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra. (DELEUZE)

Territorialidade, campo de imanência, terra, mapa, são alguns dos instrumentos que Deleuze e Guattari utilizam para materializar seus conceitos teóricos, suas redes conceptivas e o próprio pensamento filosófico. Segundo eles, o pensamento caminha por vias de conectividade e não por uma simples extensão linear. O que liga determinado elemento de um pensamento a outro não é sua proximidade ou relação temporal, mas sim a sua natureza ou capacidade de imanência. Duas seriam suas zonas de indiscernibilidade: a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território). Terra seria uma percepção mais ampla dentro de um conceito qualquer, e território, uma acepção mais específica. Segundo os filósofos citados, a desterritorialização pode ser absoluta ou relativa dependendo dos aspectos que ela dispõe: “A revolução é desterritorialização absoluta no ponto mesmo em que esta faz apelo à nova terra, ao novo povo. A desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização”. (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p.121)

Desterritorialização é processo que desaloja, desestabiliza e desarticula mecanismos ou estado de coisas, causando sua completa *hamartia*; não a de Aristóteles, porém a que fala dos problemas de combinações de tecido.

Em *Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari dizem que a terra é a unidade primitiva, selvagem, do desejo e da produção. Ela não é somente objeto: é também corpo “que se rebate sobre as forças produtivas e se apropria delas como pressuposto natural e divino”. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 178 e 179). Terra é uma acepção para aquilo que nos move, tudo que se traduz em desejo ou capacidade produtiva. Território seria a particularização desse desejo ou capacidade aplicada a um reduto ou zona existencial.

A proposição deleuze-guattariana afirma que estamos numa profusão contínua do tempo que transiciona os sujeitos e objetos em processos de subjetivação, conferindo-lhes uma “função existencial a-significante para, então, ritornelizá-los”. (GUATTARI, 1992, p.32)

Assim, uma pintura ou uma escritura podem produzir inúmeros ritornelos sobre os estratos discursivos, musicais ou plásticos que estes carregam e que entram em movimento com as instâncias afetivas e perceptivas do apreciador ou ‘olhador<sup>3</sup>’ da obra de arte. O acontecimento aqui instaurado é produtor de subjetivações e de singularizações. À ruptura promovida nesse processo, chamamos de desterritorialização, por ser o meio de evacuar posições já há muito cristalizadas, seja por meio de pseudo-subjetividades individuais ou coletivas, geradas pelo sistema capitalista, como também por influência dos *mass* médias. Para Guattari, somente através das artes podemos desenraizar dessas posições:

São de fato, as máquinas estéticas que, em nossa época, nos propõe os modelos mais bem realizados desses blocos de sensações suscetíveis de extrair um sentido pleno a partir das sinaléticas vazias que nos investem por todos os lados. É nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais consequentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística à da unidimensionalidade do equivaler generalizado, da segregação, da surdez para a verdadeira alteridade. (1992, P.115)

Guattari vê na estética que surge a partir do caos existencial humano, a plataforma para uma nova ética e estética de vida. Vida, não mais na clausura subjetivista imposta pelo capitalismo centralizador e opressor. Mas uma vida que recria novos gostos e novas performances de vida. A este respeito também diz:

Uma ecologia do virtual se impõe, então da mesma forma que as ecologias do mundo visível. E a este respeito, a poesia, a música, as artes plásticas, o cinema, em particular em suas modalidades performáticas ou performativas têm um lugar importante a ocupar [...] como paradigma de referência de novas práticas sociais e analíticas-psicanalísticas em uma acepção muito ampliada [...] (1992, p.116).

---

3 Termo utilizado por Guattari em *Caosmose* para designar o receptor da obra.



Neste movimento estético que busca novas práticas e novas práxis, temos toda uma ecologia do virtual que permeia as artes em geral e as performances artísticas, como máquinas de guerra que atuam pelo virtual:

Estranhos aparatos, dirão vocês, essas máquinas de virtualidade, estes blocos de perceptos e de afetos mutantes, meio-objeto, meio-sujeito já instaurados na sensação e fora deles mesmos nos campos do possível [...] habitam tudo o que concerne à criação, ao desejo de devir outro, assim como aliás à desordem mental ou às paixões do poder. (1992, p.117).

Assim compreendida, a desterritorialização é um fenômeno produzido pelas máquinas desejanças. É uma forma de nos desenraizar, tirar nossos cadafalsos para nos lançar novamente no deserto das subjetivações, onde nada é em definitivo, tudo está em devir constante e se ritornaliza para singularizar-se ou produzir novas singularizações.

(Re) criação é parte necessária no processo de desterritorialização, posto que se procure desligar ou separar algo para promover uma recriação ou atualização. É por isto que Deleuze afirma, no mesmo texto, que um protótipo de homem para habitar a ilha deserta seria, entre outros, o do Artista. O artista é a desterritorializado de corpo e alma; não existe possibilidade de acontecer um artista de outra forma.

*Kalahari* também é este deserto que desterritorializa o pensamento, descarta o primado da lógica arborescente, volatiliza os conteúdos da razão e “faz rachar as palavras”, numa citação deleuziana à filosofia foucaultiana em que se poderiam pegar coisas partidas numa alusão ao que está imergindo da situação em aberto; a abertura fala de recriação.

A desterritorialização em *Kalahari* se dá em três âmbitos, pelo menos: no âmbito da palavra, no âmbito do pensamento e no âmbito da construção poética. No primeiro aspecto, mais evidente e menos complexo, vemos o uso de palavras e de idiomas já extintos, principalmente na abertura de cada capítulo. Desde AKURYO à MEDA<sup>4</sup> temos algumas dezenas de palavras que pertenceram a povos e dialetos já extintos.

A busca por territórios pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos manifesta a intenção de cruzar fronteiras que a obra literária se propõe com eficiência. Outra forma de desterritorialização é o uso de linguagens próprias de outros meios, como por exemplo, do candomblé e de outras culturas e religiões (africanas e orientais): IORUBÁ (114); ORIKI (72); OXUMANE (72); OXOSI-OGUM (70); ANAHATA (26); MAE-DINGO (28); CALLAHUAYA (31); DANDARANA (131); UROBORU (45); AMAHUACA (47); TABACA-SAMANGÁ (48); YAGAN (119); KECHI-MAME (119); e

4 Luisa Monteiro, em seu artigo *Da desertificação das lobas*, faz um resumo a respeito de algumas dessas línguas que transcrevemos no Anexo II.

outras.

A abertura de cada capítulo, como já mencionamos, é separada por uma palavra-chave em um fundo preto como a antecipar um novo ciclo ou ritornelo, conforme o anexo I. Na introdução de cada capítulo, um título ou frase-enigma parece dar mais subsídios para se agenciar novas redes de signos ou evacuar o pensamento cristalizado.

A segunda forma de desterritorialização é exatamente esta que mencionamos a respeito do pensamento: um esvaziamento ou movimento de evacuação cerebral que impede o raciocínio de seguir em linha reta, sequencialmente, e exige um novo *modus operandi*. Um modo de pensar menos vigiado ou restritivo e mais aos moldes de “linhas de fuga” ou “rota de escape”. Podemos seguir a sequência normatizada no texto da mesma maneira que lemos um texto em uma língua estrangeira: saltando palavras, usando palavra-chave, observando contexto imediato, porém nunca buscando um eixo temático ou desvelamento de uma verdade oculta.

Por último, temos a desterritorialização no processo poético. Já demonstramos no capítulo I deste trabalho que o projeto escriturístico de *Kalahari* é essencialmente autopoietico. Escrita em si, uma ruptura com os conceitos paradigmáticos anteriores a ele e que por tabela desconstrói tudo o que se pensava acerca de poesia e de obra poética. Olhando especificamente para o *corpus* da obra, não conseguimos divisar muito claramente seus estratos composicionais. Sabemos que a musculatura de *Kalahari* é de ordem poemática, pois o que está em evidência, ali, é sua pluralidade signótica; o jogo ou inebriamento das palavras. Como se observássemos várias constelações por meio de um telescópio superpotente. As constelações se encontram em constante movimento; cada estrela rotaciona e vibra sobre si mesma, porém, é em seu conjunto e à distância que discernimos sua potência. A escolha de um bom telescópio faz toda a diferença na observação das constelações; diz-se que ao se escolher um bom telescópio devemos procurar não por sua capacidade de ampliação, e sim por sua abertura à maior captação de luz. A quantidade de luz que ele for capaz de absorver para refratá-la e produzir a imagem, é nisto que reside sua eficiência.

Segundo Octávio Paz, falando sobre as características do poema diz: “A criação poética se inicia como violência sobre a linguagem [...] duas forças antagônicas habitam o poema: uma de elevação ou desenraizamento, que arranca a palavra da linguagem; outra de gravidade que a faz voltar [...]”. (PAZ, 1992, p.47). Com certeza, as forças aqui mencionadas produzem o mesmo resultado da desterritorialização e reterritorialização mencionadas por Deleuze e Guattari. Só não podemos afirmar como Paz, que essas são forças antagônicas, contrárias entre si, posto que para os filósofos contemporâneos a dialética já não existe.

O dinamismo apresentado pela ação dessas forças, aparentemente opostas,

não está em seu caráter dialético, mas sim em sua complementaridade, conforme acontece com as cargas elétricas: há sempre o pólo positivo e o negativo para produzir energia elétrica. São necessários dois functivos para mobilizar os estratos signóticos de uma obra com força poética: um servirá para desterritorializar a palavra e outro para reterritorializá-la. O efeito produzido por um sistema assim poderá ser mais bem percebido quando relacionarmos a ele a questão da repetição ou do retorno.

## 2 | A RETERRITORIALIZAÇÃO DA IMAGEM POÉTICA COMO ACONTECIMENTO

Retornar é a ênfase cíclica da reterritorialização. Trazer de volta aquilo que foi desconectado e tornar a inseri-lo é a forma deleuze-guattariana de demonstrar a repetição e a diferença. Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari explicam o mecanismo de alteridade no sistema Conteúdo e Expressão da seguinte maneira: “Num estrato há duplas-pinças por toda parte, *double binds*, lagostas por toda parte, em todas as direções, uma multiplicidade de articulações duplas que ora atravessam a expressão, ora o conteúdo”. (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p. 57). Aqui referindo-se ao plano de análise estruturalista preconizado por Hjelmslev que, segundo eles, também observou o problema da dupla articulação deixando a seguinte advertência:

[...] os próprios termos planos de expressão e plano de conteúdo são arbitrários [...] e só se definem como mutuamente solidárias, e nem uma nem outra podem sê-lo mais precisamente [...]. Tomadas em separado, só podem ser definidas por oposição e de maneira relativa como os functivos de uma mesma função que se opõe um ao outro. (HJELMSLEV apud DELEUZE E GUATTARI, 2000, p.57)

A desterritorialização e a reterritorialização seguem o mesmo mecanismo. São alteridades em processos de subjetividades e, no caso de *Kalahari*, também no processo de subjetivações. Não existem sujeitos em movimento de desterritorialização e reterritorialização na obra serguilhana, mas existem palavras e signos mobilizados entre um processo e outro, a fim de evidenciar a Diferença. A reterritorialização fala de um mecanismo que traz de volta ou atualiza determinada coisa ou uma hecceidade<sup>5</sup>. A esse respeito, Deleuze; Guattari afirmam em *Mil Platôs vol4*:

[...] O que é a individualidade de um dia, de uma estação ou de um acontecimento? Um dia mais curto ou um dia mais longo não são extensões propriamente ditas, mas graus próprios da extensão como há graus próprios do calor, da cor, etc [...]. Um grau, uma intensidade é um indivíduo, Hecceidade, que se compõe com outros graus, outras intensidades para formar um outro indivíduo [...]. (DELEUZE e GUATTARI, 2012 p.39)

Hecceidades, segundo estes autores, são formas acidentais que mutacionam

5 No conceito deleuziano, hecceidade é um modo de individuação perfeita em que o ente se diferencia de outro por meio dos afectos que provoca ou em que é provocado.

de acordo com o grau e a intensidade (latitude) também o movimento (longitude) do corpo. Isso tudo perfaz, segundo eles, uma cartografia ou plano de imanência do qual tudo deriva e se vincula. Assim é que depois afirma sobre o corpo:

No plano da consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto de afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude) [...] (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.49).

Um corpo não se define por si mesmo, mas pela posição que ocupa no plano de consistência, também referido como plano de imanência. Os pontos que o delimitam, bem como sua relação com outros corpos e suas dimensões cartográficas é que podem evidenciá-lo ou obliterá-lo. Corpos, corporais e incorporais existem para afetar e para serem afetados, constituindo as *hecceidades* no plano imanente. A linguagem é campo de incorporais e os acontecimentos mobilizam os estratos sobre o plano e também sobre o tempo.

Em *Lógica do Sentido*, Deleuze apresenta algumas questões sobre a linguagem e os acontecimentos que nela se inserem: “A linguagem é algo incorporal”; “É aquilo que fixa os limites e também aquilo que permite ultrapassá-los”; “Linguagem é acontecimento, pois opera por meio das proposições e do sentido”; “O acontecimento subsiste na linguagem, mas acontece às coisas”; “Linguagem é movimento sobre o AION, o Instante ilimitado, efeito dos incorporais na superfície do tempo”. Há sempre múltiplos acontecimentos sobre a linha de simultaneidade de AION: um já-passado e um ainda-futuro. “O AION em linha reta e forma vazia é o tempo dos acontecimentos – efeitos”.

Essa esquizofrenia também pode ser vista em *Kalahari*, onde o tempo não possui ressonância e o espaço mediatiza com as cartografias de uma ordem outra. Como disse Deleuze: “forças que vêm de baixo” e que trazem à superfície a fertilidade do corpo dissociado, dilacerado, esquizofrênico:

[...]. Tudo é corpo e corporal. Tudo é mistura de corpo e no corpo, encaixe e penetração[...]. De onde a maneira esquizofrênica de viver a contradição: seja na fenda profunda que atravessa o corpo, seja nas partes que se encaixam e giram. Corpo-coador, corpo-despedaçado e corpo-dissociado formam as três primeiras dimensões do corpo esquizofrênico (2015, p. 90).

Assim, falando a respeito dos escritos de Antonin Artaud, Deleuze mostra que o corpo/ linguagem apresenta o funcionamento não mais coordenado por uma simetria ou junção das partes “correlatas”, mas esse corpo – esquizo; corpo sem órgãos, do qual fala Artaud, opera por dissociação e por meio dos fluídos ambivalentes da ação e da paixão. Que seriam polos inseparáveis dessa ambivalência nos corpos.

Na compreensão deleuziana, tanto na máquina – corpo como na máquina-



território, o que mobiliza e força a criação de novos rizomas e acoplamentos corporais são os acontecimentos – linguagem; acontecimentos – efeitos. “É seguindo a fronteira, margeando a superfície, que passamos dos corpos ao incorporal”. (2015, p. 11)

O poema é linguagem incorporal que desterritorializa o pensamento e fluidifica os estratos cristalizados que a lógica das significações insiste em nos enraizar. Poema é acontecimento em duplo movimento:

[...] o ativo e o passivo: pois o acontecimento sendo impassível troca-os tanto melhor quanto não é nem um nem outro, mas seu resultado comum (cortar – ser cortado). A causa e o efeito: pois os acontecimentos, não sendo nunca nada mais que efeitos, podem tanto melhor uns com os outros entrar em funções de quase-causas ou de relações de quase-causalidade sempre reversíveis (a ferida e a cicatriz). (2015, p. 9).

A Reterritorialização do acontecimento-Kalahari se faz por meio desse movimento de causa-efeito; cortar- ser cortado; o mesmo e, no entanto, outro. A linguagem do incorporal que cria monstros nas costas do “olhador” (leitor) da obra. Deleuze menciona a ideia de “filhos” que, no dizer de Artaud, nasceriam de “caixas em sua espinha dorsal ou como corpo fluídico flamejante, sem órgãos e sem pais”. (2015, p. 96). Algo que violenta nossa razão e cinde o pensamento, abrindo a fenda do não-senso ou do pensamento-esquizo.

### 3 I MICROCONEXÕES, AGENCIAMENTOS E LINHAS DE FUGA.

Agenciamento, linhas de fuga e microconexões são conceitos trabalhados por Deleuze e Guattari também em Mil Platôs. Os agenciamentos são a maneira como as máquinas funcionam. As máquinas de guerra, as máquinas desejantes e as máquinas de massa e de matilha. As máquinas ou maquinismos são também multiplicidades, assim como os enunciados. “Os agenciamentos são produtores de enunciados” (DELEUZE, 2000, p.48). E completa:

[...]. Dizemos que o agenciamento é fundamentalmente libidinal e inconsciente. É ele, o inconsciente em pessoa. Por enquanto vemos aí elementos (ou multiplicidades) de vários tipos: máquinas humanas, sociais e técnicas, molares organizadas; máquinas moleculares, com suas partículas de devir inumano; aparelhos edipianos [...]; aparelhos contra edipianos, de marcha e funcionamento variáveis. (Idem)

Segundo esses filósofos, as máquinas estão todas interligadas, seja pelo inconsciente, seja pelo desejo ou por enunciados produzidos. Máquinas de massa operam uma estrutura social organizada, coesa, unificada. Máquinas de matilha formam grupos dissidentes, revolucionários dentro da sociedade, que se caracterizam pela dispersão, intensidade de fluxo, de metamorfoses intercambiáveis

e de distâncias variáveis indecomponíveis (2000, p. 45).

Como bem lembraram eles, matilha faz pensar em lobos. Lobos são a caracterização do viver em bandos; movimento de matilhas, desterritorializante, linhas de fuga, sempre um movimento de andarilhagem nômade. Assim como no processo de desterritorialização, a reterritorialização tem dinamicidade; é sempre uma via de mão dupla; ocorrendo o mesmo com as máquinas.

Os agenciamentos se fazem, portanto, de duas formas: é maquínico e processo de enunciação. Sempre atendendo às solicitações do desejo ou da libido e sempre mobilizado pelos processos de desterritorialização ou de reterritorialização. Num primeiro momento a desterritorialização opera no conteúdo e na expressão abrindo espaço para outros agenciamentos. “Todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial” (Deleuze / Guattari 2012, Vol.5, p. 232). É preciso distinguir em cada agenciamento, o conteúdo e a expressão, pois eles estão ali elencados, seja pela máquina que mobiliza, seja pelos processos enunciativos que aciona.

O que promove o deslocamento de um espaço sobre o outro é justamente o movimento criado pelas “linhas de fuga”. No conceito deleuze-guattariano processos de desenraizamento e de deslocamento ocorrem com o propósito de criar refração. Assim vemos atuando em todo o processo três tipos de linha: a molar, a molecular e a linha de fuga. ‘Somos feitos dessas três linhas’, sendo que a última delas pode conduzir a ‘devires potenciais’ ou à morte e à destruição (DELEUZE e GUATTARI, 2012, Vol.5, p.236).

As linhas de fuga em *Kalahari* atravessam toda a obra, promovendo aceleração, retração e refração a todo momento. É impossível lermos uma sequência, mínima que seja, sem que um desses processos esteja em andamento. Esse mecanismo pode ser visto isoladamente, nas palavras ou signos destacados, como também nos parágrafos extensos e minimamente pontuados. Observamos este expediente nos trechos que seguem:

[...] a Loba se recusa em transição ao desejar as rotações e os descentramentos, ela se aprofunda e se irrompe ao metamorfosear-se noutro corpo de intercorrências mutiladas e o uivo se tras põe e se assimila nas coreografias intensas de Kalahari ( ONDA que REBENTA na SEDE): a CAVALGADA e a Loba geram silêncios acústicos como em contágio de núcleos cavernosos – policromáticos ou transferências que se levantam em ápices tracejados por outros corpos cravados no refluxo das manadas astrais[...] (SERGUILHA 2013, p.58).

Vemos no fragmento extraído alguns semantemas que dão o sentido de fixidez ou de estagnação e retração: recusa, transição, aprofunda, assimila, silêncio, refluxo. Por outro lado, outros semantemas notabilizam o sentido inverso, de movimento acelerado: rotações, irrompe, intercorrências, transpõe, onda, rebenta, coreografias intensas, cavalgada, levantam, ápices, manadas. A refração se dá no contínuo da

leitura, quando não é possível seguir um plano estruturado. Observemos as mesmas incidências no segundo trecho para análise:

[...] a Loba evola-se ao reunir as fissuras plasmáticas dos horizontes e as pigmentações dos metâmeros estrondeiam como um revestimento abstrato a refazer os mitos da catástrofe como salivas-dos-cios peregrinos: auscultar – OLHAR o rebentamento das espécies – nos – espelhos: a actividade da gesticulação fazedora de assombros e de gotejamentos: mandíbulas gravitacionais entre os delírios das víboras e os lampejos das escamas ( untar os archotes da perplexidade e os alvéolos irrompem da devastação dos labirintos encantatórios: flutuabilidade selvática a vitralizar as copuladoras fluviais: fosseis em dissipação). (2013, p. 153)

As antíteses presentes nesse trecho tumultuam o pensamento, impedindo-o de seguir em uma única direção. Todas as direções são permitidas, bem como também todas as possibilidades de cruzamento: evola-se/reunir; reunir/fissuras. Nas sinestésias de igual modo temos: auscultar – olhar; salivas-dos-cios; pigmentações – estrondeiam. As inversões de estado também ocorrem com certa frequência: evola-se/ gotejamento; flutuabilidade / vitralizar. Nestas sequências de palavras percebemos mudança de estado gasoso para líquido e depois de gasoso para o sólido. São essas as linhas que embaralham a lógica do pensamento e virulenciam a formação da imagem poética, da figuração e do efeito metafórico. Nada permanece sólido; tudo fluidifica, flutua, desfaz, evola-se.

Dizíamos das linhas-de-fuga e de que como estas se realizam no corpo do texto. Vimos o uso da mistura de idiomas, inclusive de idiomas já extintos; uso de idiosincrasias; uso dos bloqueios de sentido ou esvaziamento e por último a quebra do padrão poemático. Deleuze descreve a linha de fuga como algo que arrebenta e extravasa em sensações, *afectos* e *perceptos*:

Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações. As sensações como perceptos não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios, e o sorriso sobre a tela é somente feito de cores, de traços, de sombra e de luz. [...]. A sensação não se realiza no material sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto ou no afecto. Toda a matéria se torna expressiva[...] (DELEUZE, 2013 p.196 e 197).

A obra de arte tem por natureza essa capacidade infinita de carregar e de produzir afectos e perceptos no observador. E, por meio desse jogo, mobilizar nossos estratos territoriais provocando-nos às reações mais diversas: desde o ódio, ira, a indignação até a complacência, a empatia e a ternura. Todos os nossos sentidos são mobilizados ao nos acercarmos da obra; somos, por fim, enredados por uma malha rizomática e semiótica que nos arranca de nós mesmos.

Outro pensamento muito aderente a essas misturas de sensações e de percepções dentro de *Kalahari*, é o de que em algumas obras de arte existe uma

“vibração de ‘variedades’ de compostos de sensações”. Já não se trata de um ou outro signo a vibrar; a causar distensão ou tensão, mas são conjuntos delas que, ao se aproximarem umas das outras, promovem o movimento, “um corpo a corpo energético”, nos dizeres deleuzianos:

[...] toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação [...] pode-se caracterizar grandes tipos monumentais ou ‘variedades’ de compostos de sensações[...] ou enlace ou corpo a corpo “ quando duas sensações ressoam uma na outra esposando-se tão estreitamente, num corpo ao corpo que é puramente “energético” [...] (p. 198 e 199).

É desta forma que se dá o movimento dos signos em *Kalahari*. São como ondas vibratórias a desterritorializar o pensamento a fim de promover algo novo, que ainda não sabemos o que é; e que ainda não experimentamos, como um “livro por vir” no pensamento de Maurice Blanchot, para “um povo por vir” (Deleuze). Somos arrastados por essas corredeiras de morte e de vida, para um novo tempo e uma nova cartografia que “embaralha nossos códigos” e desertifica nosso plano.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Samuel Miranda Mattos** - Professor de Educação Física, Mestre e Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). MBA em Gestão de Academias e Negócios em Esporte e Bem-Estar pelo Centro Universitário Farias Brito (FFB). Membro do Grupo de Pesquisa Epidemiologia, Cuidado em Cronicidade e Enfermagem (GRUPECCE-CNPq). Pesquisador na área da atividade física e saúde, promoção de saúde, epidemiologia e doenças crônicas não transmissíveis. E-mail para contato: [profsamuelmattos@gmail.com](mailto:profsamuelmattos@gmail.com).

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 52, 62, 113, 139

Análise 6, 7, 12, 14, 15, 17, 18, 24, 28, 29, 31, 32, 33, 45, 58, 68, 69, 79, 85, 86, 96, 99, 100, 102, 109, 122, 125, 126, 133, 137, 138, 156, 159, 166, 170, 173, 176, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 190

Animais 2, 3, 71, 72, 79, 107, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 185

### B

Brasil 5, 43, 46, 47, 53, 55, 59, 72, 78, 81, 82, 84, 92, 93, 107, 108, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 134, 138, 142, 144, 149, 150, 157, 183, 186

### C

Câncer de mama 14, 15, 18, 19, 32, 33, 50, 51

Catálogos 16

Ciência 13, 43, 49, 63, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 79, 80, 85, 93, 94, 110, 111, 120, 123, 133, 137, 139, 141, 145, 161, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 185, 188, 189, 190, 191

Comunidade 38, 47, 84, 90, 92, 98, 133, 138, 141, 143, 153, 154, 187

Crenças 38, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 90, 148

### D

Diagnóstico 39, 41, 42, 55, 88, 108, 109, 115

Doença 16, 38, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 61, 83, 88, 107, 108, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122

### E

Estatística 15, 24, 28, 31, 32, 46, 50, 59, 88, 94, 103, 131, 178, 185, 190

### G

Gênero 6, 7, 12, 108, 111, 112, 150, 151, 155, 156, 157

Genéticas 1, 2, 3, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 19, 39, 63, 69

### H

Herança 1

Hereditariedade 1, 2, 3, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Hormônios 62, 63, 65

Humana 26, 68, 69, 72, 106, 107, 108, 109, 110, 115

Humanidade 39, 79, 110, 174



## **M**

Medicina 14, 16, 18, 38, 39, 40, 55, 59, 63, 105, 109, 114, 115, 120, 121, 139, 173

Metabólicas 14, 20, 62

Modelagem 14, 15, 18, 21, 22, 24, 26, 29, 30, 32, 33, 34, 73

## **N**

Nutrigenômica 61, 63, 64, 65

## **O**

Obesidade 61, 62, 63, 64, 65, 66

## **P**

Pacientes 14, 15, 17, 18, 32, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 49, 50, 54, 89, 92, 107, 110, 115, 116, 117

Pangênese 1, 2, 3, 5, 7, 10, 12

Pesquisa 16, 19, 41, 44, 45, 48, 49, 50, 54, 56, 59, 79, 85, 91, 92, 93, 103, 109, 110, 118, 119, 121, 124, 127, 129, 130, 131, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192

Probabilidade 16, 42

Proteínas 14, 17, 19, 33, 34, 62, 63

## **Q**

Qualidade 41, 42, 48, 50, 52, 54, 58, 61, 84, 89, 91, 92, 93, 136, 138, 142, 143, 149, 153

## **R**

Radioterapia 14, 15, 17, 18, 39, 49

Reflexões 50, 68, 70, 71, 73, 74, 79, 178, 180, 189, 190

Religião 38, 40, 43, 44, 46, 47, 48, 111

## **S**

Saúde 14, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 65, 66, 68, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 117, 120, 121, 122, 123, 133, 148, 149, 192

Sistema público 52, 53

## **T**

Tecnologia 16, 52, 145, 184

Transplante 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**